

JEAN FELIPE RAMALHO E SILVA

ERINEUSA MARIA DA SILVA

UEBERSON RIBEIRO ALMEIDA

O que podem as práticas corporais no contexto escolar?

Considerações sobre a aproximação entre escola e comunidade



Jean Felipe Ramalho e Silva
Erineusa Maria da Silva
Ueberson Ribeiro Almeida

O que podem as práticas corporais no contexto escolar?

Considerações sobre a aproximação entre escola e comunidade

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP) (Biblioteca Setorial de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

Silva, Jean Felipe Ramalho e, 1988-

S586q

O que podem as práticas corporais no contexto escolar? [recurso eletrônico] : considerações sobre a aproximação entre escola e comunidade / Jean Felipe Ramalho e Silva, Erineusa Maria da Silva, Ueberson Ribeiro Almeida. – Dados eletrônicos. – 2020.

36 f. : il.

Produto Técnico (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional-PROEF) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação Física e Desportos ; [coordenação] Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

Modo de acesso:

<https://drive.google.com/file/d/1M4vxrXBe7ZNjPYD8_ebs2a8ur2_ca_VEK/view>

1. Educação física. 2. Comunidade e escola. 3. Práticas corporais. I. Silva, Erineusa Maria da, 1968-. II. Almeida, Ueberson Ribeiro, 1977-. III. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação Física e Desportos. IV. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. V. Título.

CDU: 796

Elaborado por Eliéte Ribeiro Almeida – CRB-6 ES-603

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE NACIONAL - PROEF

REALIZAÇÃO

Prof. Ms. Jean Felipe Ramalho e Silva
Prof. Dra. Erineusa Maria da Silva
Prof. Dr. Ueberson Ribeiro Almeida

ILUSTRAÇÕES

Henrique Tarlé

Observação:
Material Educativo Público para livre reprodução.
Material bibliográfico eletrônico

Professores, professoras, mães, pais e toda comunidade escolar

Este e-book é fruto de uma pesquisa desenvolvida no Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional nos anos de 2018 e 2019, oferecido pelo Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo. O tema pesquisado refere-se às possibilidades e desafios do trabalho com as Práticas Corporais, nas aulas de Educação Física, com o intuito de promover a aproximação entre escola e comunidade em um município no interior da Bahia. A partir dos *insights* fornecidos pelo referencial teórico e pelas ações desenvolvidas durante o estudo, foi possível compreender o papel das Práticas Corporais nesse processo e, conseqüentemente, considerar aspectos importantes para a busca de vias mais participativas e democráticas na escola.

Assim, a síntese das ideias apresentadas neste material educativo, é uma parte da pesquisa já mencionada e traz em seu entremeio discussões e reflexões importantes para a prática docente em diversos contextos. Que as contribuições e inferências ao longo deste e-book, contribuam de maneira significativa para inflamar o desejo pela mudança e despertar ações de professores, professoras, pais, mães, familiares e toda comunidade escolar na busca por uma educação de qualidade.

Abrços,

Prof. Jean Ramalho

SUMÁRIO

Por dentro da pesquisa...	6
Pra começo de conversa, vamos falar de juventudes!	8
Escola e comunidade: Uma relação necessária	12
As Práticas Corporais no contexto da escola	18
Aspectos da aproximação entre Escola e Comunidade: O que podem as práticas corporais?	23
As Práticas corporais e a comunicação entre escola e comunidade	26
Participação ativa e protagonismo a partir das práticas corporais	28
As Práticas Corporais e... Outros indícios importantes para a participação comunitária	30
Referências	35

Por dentro da pesquisa...

Esta pesquisa, desenvolvida durante o Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede - PROEF, teve como foco principal, a investigação sobre como as Práticas Corporais podem articular uma aproximação entre escola e comunidade, uma vez que em minha realidade profissional, enquanto professor de Educação Física, de uma escola pública de Ensino Médio no interior da Bahia, essa relação é bastante frágil e distante.

A partir das constatações, decorrentes de minhas experiências docentes e do diálogo sistemático com os autores que tratam do tema, foi possível perceber que o distanciamento entre escola e comunidade, se configura como um problema que enfraquece o processo ensino-aprendizagem e a luta por uma Educação de qualidade.

Pensar a participação coletiva e a democratização da escola é, justamente, trabalhar com a ideia de um processo de negociação constante entre os pares. A busca por intervenções e estratégias que visem minimizar este problema requer necessariamente uma interação concreta entre todos os sujeitos envolvidos. Assim, a busca pelas condições de enfrentamento e pelas possíveis formas para de intervir neste quadro, devem ser uma ação constante no cotidiano escolar.

Partindo desses pressupostos é que entendemos, que é de grande relevância que escola e comunidade tracem um diálogo no sentido de estabelecer condições mais significativas de ensino.

As Práticas Corporais, por carregarem em sua constituição marcas próprias da comunidade e do cenário em que são produzidas, revelam-se como vias importantes, que podem se constituir como elementos de aproximação entre escola e comunidade.

Enquanto conteúdos da Educação Física, as Práticas Corporais, constituem-se como uma forma legítima de construção do conhecimento do/a estudante. Sua dimensão sócio-histórica, sua relação com a cultura e sua ligação com um conceito humanista de corpo, estabelece uma visão de movimento dotado de sentidos, produzidos, reproduzidos, incorporados e (re)significados pelo ser humano em um processo dialógico, uma vez que este também se constitui a partir de suas experiências.

Nesse sentido é que acreditamos que, trazer as Práticas Corporais da comunidade, problematizá-las à luz do conhecimento pedagógico, sem descaracterizá-las e propor estratégias para que o/a discente faça conexões com sua realidade pode se constituir como uma possibilidade de aproximar escola e comunidade.

A partir do trabalho com as Práticas Corporais, foram criados mecanismos de participação que forneceram diversos indícios acerca do tema, possibilitando a reflexão sobre vários aspectos que permeiam a realidade escolar. Foi possível também repensar a minha própria prática pedagógica, condição bastante importante e que fazer parte, de forma abrangente, do Programa de Mestrado Profissional ao qual estou vinculado.

Pra começo de conversa, vamos falar de juventudes

As discussões sobre as juventudes tem sido foco de grandes debates no contexto atual. Diversos autores têm trazido para campo a importância de se compreender o tema e de empreender políticas públicas, que contemplem os indivíduos pertencentes a esse grupo social.

É importante colocar que, as juventudes não representam uma etapa entre a vida infantil e adulta do indivíduo. Os/as Jovens são sujeitos construídos e construtores do contexto em que vivem e atuam.

Pensar as juventudes por um viés que menospreza essa característica e concebe os/as jovens apenas como uma fase de transição para o mundo adulto, é reduzir as condições desses indivíduos enquanto sujeitos históricos, sociais e culturais.

A partir dessa visão, cabe afirmar que existem diferentes juventudes e que estas se caracterizam como uma categoria heterogênea. Os/as jovens são sujeitos que produzem e são produzidos pela realidade socio-histórica a qual estão inseridos, sua condição é dinâmica, mutável e se modifica conforme as transformações da sociedade.

Diante disso, a escola deve ter bastante cuidado no trato com os/as jovens estudantes. O trabalho pedagógico precisa estar atravessado por uma intenção que abranja aspectos inerentes à formação das identidades juvenis, é preciso que haja “um olhar atento aos aspectos e situações que refletem sobre a vida dos estudantes” (WELLER, 2014, 333) e que impactarão sua formação enquanto profissionais, cidadãos e seres humanos.

Nessa perspectiva, é bastante importante que a escola implemente ações que levem em consideração a diversidade juvenil que a compõe. É preciso conhecer o/a jovem estudante, compreender sua condição diante do quadro social ao qual estamos inseridos e promover ações que considerem esses aspectos na proposta pedagógica que norteia a instituição.

#PARAREFLETIR

A instituição escolar, como é formatada, está preparada para lidar com a multiplicidade de sentidos trazida pelos/as jovens estudantes que a frequentam?

Porquê?

As juventudes vão se constituir de acordo com a realidade sócio-histórica vivenciada pelo sujeito. Isso quer dizer que diferentes sociedades e diferentes grupos sociais constroem suas juventudes de maneira singular, assim a diversidade dessa fase compreende classes sociais, etnias, valores, posições religiosas, espaços geográficos, gêneros e muitos outros. Dessa forma, caracterizar as juventudes como uma fase que possui duração preestabelecida ou como uma passagem para a vida adulta é errôneo, pois essa visão pode provocar redução das questões relacionadas às vivências juvenis (DAYRELL 2014, P. 164).

#FICAADICA

Já pensou em conhecer as juventudes que frequentam sua escola e quais os impactos que uma ação como esta pode ter na sua prática pedagógica?

Que tal aplicar questionários de caráter socioantropológicos e saber um pouco sobre a realidade dos/as estudantes?

[Clique aqui para uma sugestão!](#)

“O Observatório da Juventude da UFMG é um programa de ensino, pesquisa e extensão da Faculdade de Educação (FaE), que funciona desde 2002. [...] A atuação do observatório situa-se no contexto das políticas de ações afirmativas, orientando-se por quatro eixos centrais de preocupação que delimitam sua ação institucional: a condição juvenil nas sociedades contemporâneas; as políticas públicas e as ações sociais voltadas aos jovens; as práticas culturais e as ações coletivas da juventude na cidade e a construção de metodologias de trabalho com JOVENS.” *Texto retirado do Portal do OBSERVATÓRIO DA JUVENTUDE

“O Observatório do Ensino Médio da Universidade Federal do Paraná tem por objetivo reunir estudantes, educadores e pesquisadores dos diversos níveis e modalidades de ensino que tenham interesse em compartilhar ideias, temas e pesquisas sobre ensino médio, juventude, suas relações com a escola e com o mundo do trabalho. Desenvolve atividades de pesquisa e de extensão universitária. Para conhecer mais sobre suas atividades conheça seus projetos, textos e outros materiais produzidos pelo grupo.” *Texto retirado do Portal do OBSERVATÓRIO DO ENSINO MÉDIO

#FICAADICA

Quer saber mais sobre os/as Jovens estudantes do Ensino Médio?

Os observatórios da juventude e do Ensino Médio, da UFMG e da UFPR, respectivamente, são ótimas fontes para compreender aspectos sobre as condições juvenis, suas demandas e contextos.

ACESSE E SAIBA MAIS

[OBSERVATÓRIO DA JUVENTUDE – UFMG](#)

[OBSERVATÓRIO DO ENSINO MÉDIO - UFPR](#)

ESCOLA E COMUNIDADE: uma relação necessária

A escola é, sem dúvidas, uma das principais instâncias socioculturais as quais a maioria dos indivíduos tem acesso. O ambiente escolar é uma construção em que se tecem relações fundamentais no processo de formação social dos sujeitos e de suas identidades.

Para tanto, é fundamental reconhecer as diversas realidades que permeiam o cotidiano escolar e considerar os aspectos que estão além de “seus muros”.

Essa premissa é bastante pertinente para a compreensão das juventudes que frequentam a escola e das condições que estes sujeitos trazem em sua constituição sócio-histórica.

Pensar uma escola nestes termos requer, necessariamente, o reconhecimento perspicaz da realidade que os/as jovens estudantes trazem e de como estes atuam na produção/assimilação da mesma. É preciso compreender as juventudes a partir de uma visão holística que considere a multiplicidade de sentidos que essa condição carrega.



Nessa conjectura, em que as relações fluídas do mundo globalizado e informatizado atravessam nossa constituição enquanto sujeitos, a escola é desafiada a construir e atrelar-se a um projeto que atenda as demandas de um contexto mutável e efêmero. Já não cabe, somente a transmissão de saberes técnicos, e compartimentalizados.

Assim, a participação dos diversos atores que compõem a comunidade escolar e seu entorno é fundamental. As relações que se estabeleçam nesse contexto precisam estar, de fato, ligadas a um projeto educacional que vislumbre a transformação social e se relacionem efetivamente com a “[...] construção da humanidade do educando, na medida em que é pela educação que o ser humano se atualiza como sujeito histórico em termos do saber produzido pelo homem” (PARO, 2016, p. 7).

Pensar a escola dessa forma e não conceber uma relação entre ela e a comunidade é, segundo Paro (2016, p. 22), um equívoco, pois, se a unidade escolar não inclui a comunidade “corre o risco de constituir apenas mais um arranjo entre os funcionários do Estado, para atender a interesses, que por isso mesmo, dificilmente coincidirão com os da população usuária”.

A relevância da relação entre escola e comunidade está, justamente, na forma como se concebe a educação escolar: um meio pelo qual as pessoas poderão se situar na sociedade como cidadãos.

A participação é uma parte importante nesse processo. O intento de promover democraticamente a participação coletiva e ativa de todos os membros da comunidade escolar pode estar pautado em uma relação dialógica que desague na busca pela melhoria da educação.

É imprescindível que ocorra integração entre a escola e a comunidade atendida, com reconhecimento e valorização dos saberes extracurriculares e efetivação de parcerias no trabalho educativo, atingindo o maior contingente de pessoas em sua área de localização. Devemos considerar que todos os participantes do processo educativo têm a capacidade de elaboração propostas para a melhoria da educação. Esse processo de interação deve ser pautado no diálogo e na confiança. Para isso a escola deve oportunizar “situações de encontro” a fim de conhecer os recursos da comunidade e os aspectos da sua realidade, visando à melhoria do ensino-aprendizagem (Schwartzman 1991 p. 279).

#PARAREFLETIR

Como é a relação entre a sua escola e a comunidade ? Como essa questão influencia no processo de ensino-aprendizagem ?

Nesse sentido, as ações político-pedagógicas da escola precisam estar em congruência com aspectos que desaguem em um contexto educacional participativo, integrador e que leve em conta os anseios da comunidade a qual se insere. O caminho da gestão democrática, mostra-se, como uma forma eficaz para efetivar tais preceitos e combater a forma autoritária de condução das relações escolares.

Assim, as iniciativas para que os membros da comunidade efetivem sua participação no âmbito escolar podem fazer parte do cotidiano da escola, revelar-se em seu fazer pedagógico e nas práticas construídas socialmente em seu espaço. É necessário que haja uma tomada da democracia como valor universal que guia seu Projeto Político-Pedagógico.

Nessa perspectiva é imprescindível que haja a criação de meios pelos quais comunidade e escola estejam alinhadas em seus objetivos e interesses. Para tanto, Paro (2016) destaca que as condições para uma participação ativa e democrática na escola estão relacionadas a um rol de possibilidades.

O autor elenca pontos como a escolha de dirigentes escolares, a formação de colegiados, associações de pais e mestres e todas as iniciativas que estimulem um maior envolvimento de pais, mães e/ou responsáveis, estudantes, professores, professoras, gestores, gestoras e equipe técnico-pedagógica nas diversas ações e atividades escolares.

É mister que o projeto escolar esteja atrelado a um processo verdadeiramente democrático, fazendo uma “escuta sensível” dos anseios e prezando pela participação consciente da comunidade. “Se não for assim estaremos formando apenas governados” (MELO, 2012, p. 139). E isso implica diretamente em um mecanismo escolar de reprodução do sistema autoritário e de sua inadequação no atendimento às demandas sociais.

Colocar cada estudante e cada membro da comunidade escolar em condições de ‘governar’ significa alçar cada um deles a uma posição que propicie o acesso à crítica do processo educacional, à crítica do processo hierárquico da escola, à crítica do autoritarismo, à crítica do sistema público de educação, quando este não se adapta a esse objetivo democrático de formação de ‘governantes’.

#PARAREFLETIR

Quais os mecanismos de participação a sua escola tem utilizado para promover uma relação mais estreita com a comunidade? E a comunidade desenvolve alguma ação neste sentido?

Todo esse processo implica na comunicação direta, na sondagem perspicaz e na “escuta” sensível” das diversas vozes que ecoam na instituição escolar. Pensar a participação democrática é necessariamente conhecer a visão do corpo docente, dos/as técnicos, pais, mães e responsáveis, estudantes e toda a comunidade envolvida no processo educacional.

Uma organização dinâmica dessas relações deve ser, de fato, considerada. Ao buscar a participação ativa e democrática da comunidade, a instituição escolar assenta-se em uma proposta democrática que reverbera em condições significativas para que o indivíduo atue na transformação do espaço em que vive.

#FICAADICA

Um dos princípios de uma gestão democrática que influencia diretamente na relação escola/comunidade são as formas de comunicação utilizadas.

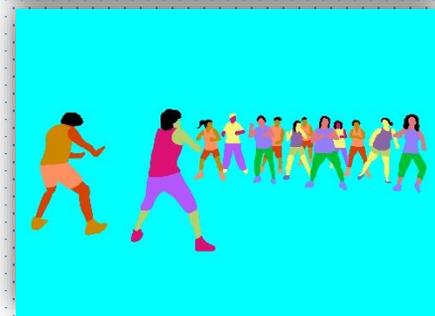
Esta deve ser clara e objetiva. As mídias digitais podem favorecer bastante esse processo.

Já pensou em criar listas de transmissão no Whatsapp e informar aos pais, mães ou responsáveis sobre as atividades realizadas, horários, eventos e demais assuntos que permeiam o cotidiano escolar?

AS PRÁTICAS CORPORAIS NO CONTEXTO DA ESCOLA

As práticas corporais são fenômenos culturais que carregam marcas próprias do contexto em que são produzidas. Seu conceito engloba uma relação humanista de corpo e estabelece uma visão de movimento dotado de sentido e significado. Sua dimensão é bastante ampla e perpassa por uma série de processos corporais que posicionam o sujeito no mundo.

Este entendimento é bastante importante para a compreensão das Práticas Corporais como articuladoras da aproximação entre a escola e a comunidade, uma vez que elas se constituem como conteúdo da Educação Física e como um aspecto que faz parte da construção sociocultural do ser humano.



As práticas corporais são fenômenos que se mostram, prioritariamente, ao nível corporal, constituindo-se em manifestações culturais, tais como os jogos, as danças, as ginásticas, os esportes, as artes marciais, as acrobacias, entre outras. Esses fenômenos culturais que se expressam fortemente no nível corporal e que, em geral, ocorrem no tempo livre ou disponível, com importante impacto orgânico. São constituintes da corporalidade humana e podem ser compreendidos como forma de linguagem com profundo enraizamento corporal que, por vezes, escapam ao domínio do consciente e da racionalização, o que lhes permitem uma qualidade de experiência muito diferenciada de outras atividades cotidianas (SILVA, 2014).



Aliás, a Educação Física, enquanto componente curricular da Educação Básica, tem o papel de tratar pedagogicamente as práticas corporais, apresentar e criar um ambiente propício para a ressignificação, compreensão, análise, reconstrução e produção das mesmas.

As manifestações da Cultura Corporal se constituem como conteúdos da Educação Física escolar. A partir da abordagem sistemática de cada prática corporal o/a estudante tem a oportunidade de acessar uma dimensão do conhecimento e (re)significar suas experiências. Os conteúdos vinculados à Educação Física como danças, jogos e brincadeiras, lutas, esportes, temas relacionados à saúde, entre outros, compõe o rol de saberes que podem instrumentalizar o/a discente para lidar com diversos aspectos de sua vida.

#FICAADICA

Já pensou na possibilidade de mapear as práticas corporais que os/as estudantes fazem na comunidade e tematizá-las nas aulas de educação física?

[Clique aqui e saiba como fizemos!](#)

Trazer práticas corporais da comunidade, problematizá-las à luz do conhecimento pedagógico, sem descaracterizá-las e propor estratégias para que o/a discente faça conexões com sua realidade pode se constituir como uma possibilidade de aproximar escola e comunidade e, conseqüentemente, fazer ecoar condições de ensino mais significativas para os/as estudantes.

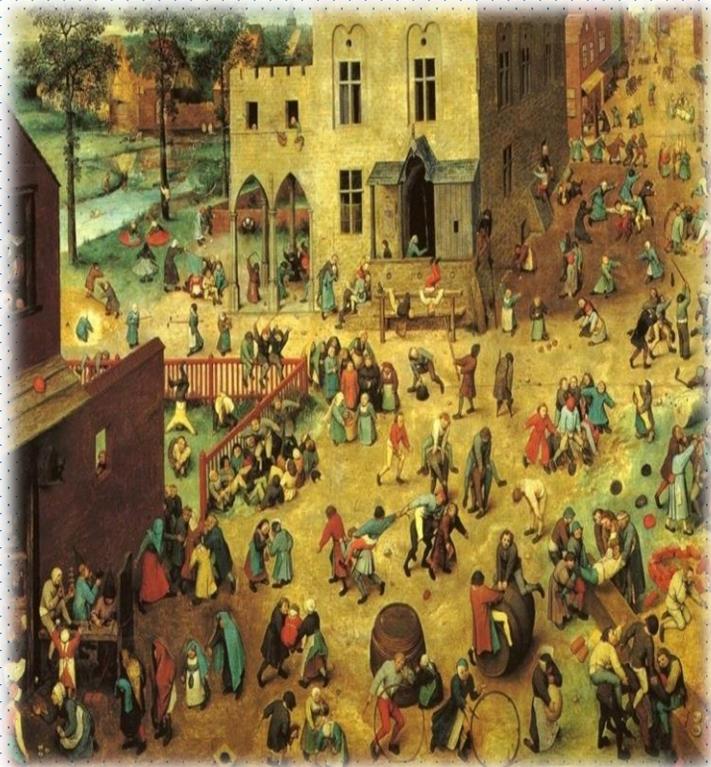
É importante colocar também, que a experimentação das Práticas Corporais na escola pode ser compreendida a partir de um viés não reprodutivista. A ação precisa se nortear por um caminho que vise a ampliação do patrimônio cultural dos/as discentes.

A sistematização de propostas como esta, assim como seus desdobramentos são importantes, pois podem legitimar a Educação Física na escola e promover uma maior valorização da mesma como componente curricular comprometido com o desenvolvimento integral do/a estudante.

#QUETAL?

Que tal estender um convite à membros comunitários para contribuir na tematização das Práticas Corporais na escola? Pode ser uma oportunidade interessante para favorecer a aproximação entre a instituição e a comunidade.

[Clique aqui e conheça um pouco mais dessa proposta](#)



Pieter Bruegel, Jogos Infantis (1560)

#FICAADICA

O conceito de Práticas Corporais é bastante complexo e envolve a compreensão de aspectos socioculturais diversos.

Que tal utilizar a imagem acima, do pintor francês Pieter Bruegel, para problematizar esse conceito nas aulas de Educação Física?

São possíveis diversas intervenções como: identificação das práticas corporais presentes na imagem, associação com práticas corporais da atualidade, discussão sobre quais dessas práticas são realizadas na comunidade, formulação coletiva de conceitos etc.

[*Clique aqui e saiba como fizemos!*](#)

ASPECTOS DA APROXIMAÇÃO ENTRE ESCOLA E COMUNIDADE: O QUE PODEM AS PRÁTICAS CORPORAIS?

A partir da tematização de Práticas Corporais da comunidade na escola foi possível perceber diversas nuances relacionadas à participação. As considerações que serão apresentadas partem da experiência e das ações desenvolvidas durante a pesquisa empreendida.

É importante ressaltar que não há a intenção, de expor as informações como um “receituário” para a participação comunitária na escola, uma vez que cada realidade possui suas particularidades e demandas. Mas, o que esperamos é que as percepções aqui expostas forneçam indícios para contribuir nas discussões, reflexões e planejamento de ações com vistas a possibilitar uma aproximação entre escola e comunidade.

Assim, a questão *O que podem as práticas corporais no contexto escolar?* encontra resposta nos diversos discursos enunciados, nas análises e ações realizadas e em uma série de intermediações sensíveis entre os pares, em que os lugares de fala foram valorizados e considerados dentro de uma proposta democrática de escola e de comunidade.

Dessa maneira, as páginas seguintes trarão considerações importantes, percebidas a partir do trabalho com as Práticas Corporais com vistas à aproximação entre escola e comunidade.

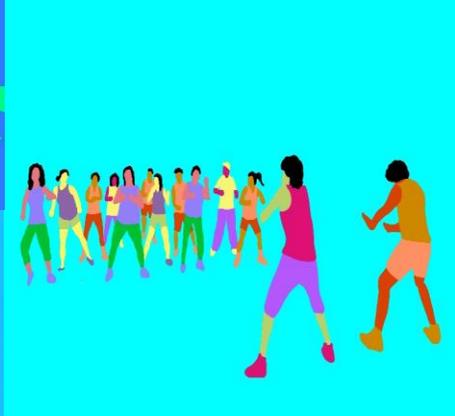
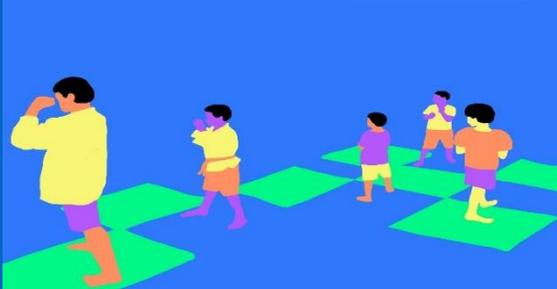
Os dados que serão apresentados são, frutos das intervenções realizadas a fim de propiciar meios para a participação. A culminância das ações realizadas ao longo da pesquisa se deu em uma gincana estudantil, ocorrida na escola. Após a tematização das Práticas Corporais nas aulas de Educação Física, os/as estudantes foram provocados a propor ideias de provas envolvendo as Práticas Corporais trabalhadas (zumba, jiu-jitsu e capoeira) e a participação da comunidade.

Divididos em equipes, os/as discentes deveriam sensibilizar o maior número de pais, mães ou responsáveis para participarem das provas. O resultado foi bastante satisfatório e nos deu condições para conhecer e avaliar os aspectos que influenciam a participação da comunidade na escola.

#QUETAL?

Já pensou na possibilidade de organizar uma gincana escolar e convidar os pais, mães ou responsáveis e toda comunidade escolar para participar de provas que envolvem as Práticas Corporais tematizadas nas aulas de Educação Física?

[Clique para uma sugestão!](#)



AS PRÁTICAS CORPORAIS E A COMUNICAÇÃO ENTRE ESCOLA E COMUNIDADE

A ideia de trazer para a escola as Práticas Corporais presentes na comunidade e de utilizá-las como uma estratégia de aproximação, desagua em uma ação que propicia a comunicação do/as partícipes com a unidade escolar e minimiza a visão da escola enquanto uma instituição superior e alheia à realidade a qual pertence.

O contato com o patrimônio cultural, que permeia a realidade onde a unidade escolar está inserida, traz para a mesma o “status de polo cultural, transformando-se em referência e ponto de encontro de agentes culturais” (NEIRA, 2007, p. 179). Nesse contexto, os/as estudantes, pais, mães e responsáveis, professores, professoras e equipes escolar têm a possibilidade de se reconhecerem nas ações escolares e se identificarem como produtores das mesmas.

A medida que acontecem coisas importantes da cidade ali na escola, a gente se reconhece nela também. Ainda mais do H. P. que faz parte da história de muita gente (PROFESSOR C.F.)

Claro! Com absoluta certeza. Eu vejo por mim que nem tinha mais ligação com a escola e isso eu consegui ter de novo quando fui participar da oficina. Acho que muitas pessoas sentem isso também. Então levar aquele povo tudo pra escola, eu acho que despertou nas pessoas esse sentimento. Ainda mais que muita gente estudou ali, conhece os professores e tudo. É como eu falei... É como se a escola tivesse escondida e aparecesse de novo pra gente [...]. (PROFESSOR S.C.)

Foi bom participar e mostrar que a gente também pratica coisas que os alunos estão estudando. (PAI, MÃES OU RESPONSÁVEL)

Todas as falas acima reforçam a questão da identificação entre comunidade e escola a partir das práticas corporais vivenciadas. Fica claro que um trabalho pedagógico construído a partir de elementos da realidade local fortalece uma relação mais próxima. Em uma experiência parecida, NEIRA (2007) averiguou que o fato da inserção da cultura comunitária na escola “reforça o sentimento de pertencimento do indivíduo ao grupo pelo fortalecimento dos laços culturais originais” (179).

AS PRÁTICAS CORPORAIS PODEM PROMOVER A IDENTIFICAÇÃO ENTRE ESCOLA E COMUNIDADE

Eu gostei porque me sinto valorizado em ter uma atividade que eu faço fora da escola aqui. Ficam mais interessante as aulas e a gente consegue”. (ESTUDANTE 1)

Eu não sou muito de praticar esportes e tenho um pouco de medo. Mas eu acho importante ter essas atividades da comunidade aqui na escola porque acaba sendo um pouco da realidade que muitos alunos já vivem e acaba valorizando também. (ESTUDANTE 2)

Gostei demais porque que já faço capoeira lá no bairro e então eu fiquei mais interessado porque e um assunto que gosto e que eu sei. (ESTUDANTE 3)

Gostei demais. Ate minha mãe queria vir quando falei pra ela que ia ter zumba. Porque ela já faz no bairro e gosta muito. (ESTUDANTE 4)

PARTICIPAÇÃO ATIVA E PROTAGONISMO A PARTIR DAS PRÁTICAS CORPORAIS

O formato clássico de participação, que envolve a ida a reuniões ou chamados para repassar informações sobre os/as estudantes, aparece como uma via participativa bastante comum nas escolas e que nem sempre desperta interesse nos/as responsáveis.

Isso ocorre, segundo alguns elementos enunciados durante a pesquisa, por conta do formato como esses mecanismos são organizados: um momento estanque em que há uma via unilateral de análise da realidade e um comportamento passivo dos/as responsáveis diante dos acontecimentos

O trabalho com as práticas corporais comunitárias na escola, da forma como foi conduzido, se configura como uma via interessante de participação, e superação deste quadro, uma vez que, o protagonismo e a sensação de participação ativa foram sentimentos bastante citados pelos/as participantes.

*Eu até já parabenizei a direção foi bem inovador porque normalmente a gente não é chamada para participar assim. Só das reuniões. **(RESPONSÁVEL 1)***

*Gostei porque senti que faço parte da atividade da escola. Quando é só pra ir lá a gente fica meio de fora. **(RESPONSÁVEL 2)***

*Foi bem legal participar. Deveria ter outros eventos assim porque vamos a escola para fazer coisas diferentes ao invés de só ir a reuniões e escutar algumas coisas. **(RESPONSÁVEL 3)***

*Foi importante e foi diferente. Sempre que vou na escola e para ouvir sobre o comportamento do meu filho e com a gincana foi um atrativo diferente pra ir na escola. **(RESPONSÁVEL 4)***

Há um grande desafio na superação deste problema, pois isso envolve a sensibilização para questões da democratização dos processos escolares e uma autocrítica constante das posturas desenvolvidas pela equipe escolar. Porém, a construção de novos sentidos e a diversificação das estratégias de participação são necessárias, pois permitem que os pais, mães e responsáveis também percebam sua importância no processo.

É importante frisar que, em nenhum momento, estamos defendendo a abolição das reuniões escolares, as discussões dizem respeito à maneira como as mesmas são conduzidas, até porque, existe uma parcela da comunidade que prefere este meio de contato com a unidade escolar.

O que é preciso, nesse sentido, é conceber diferentes formatos de encontros e avaliar em que nível essas propostas atendem às demandas. Considerar a diversificação de estratégias na busca por um processo educativo mais participativo é algo bastante importante.

Pela primeira vez fui a escola com uma proposta diferente. Isso foi muito bom. Normalmente vou so pra receber as mesmas notícias do meu filho. E nem consigo falar com todos os professores. Essas coisas servem pra gente ver a escola com outros olhos também. (RESPONSÁVEL 5)

**AS PRÁTICAS CORPORAIS PODEM
DESPERTAR SENTIMENTOS DE
PROTAGONISMO E PARTICIPAÇÃO
ATIVA NA ESCOLA/COMUNIDADE**

AS PRÁTICAS CORPORAIS E... OUTROS INDÍCIOS IMPORTANTES PARA A PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA

A experiência com as Práticas Corporais na escola revelou uma série de fatores que devem ser observados para a adoção de estratégias que visam fomentar a participação. No contexto da pesquisa as questões de *infraestrutura, organização da rotina escolar, gênero, aspectos religiosos e as condições de trabalho* apareceram de forma bastante eloquente nos discursos proferidos ao longo do processo.

É importante perceber que todos esses fatores permeiam as relações que se dão no cotidiano escolar e muitas vezes são negligenciados como partes importantes de todo o processo educacional. Porém, as ações que envolveram as Práticas Corporais e a participação comunitária, mostraram que é preciso considerar a observação atenta de condições físicas, sociais, econômicas, ideológicas entre outras que permeiam as relações escolares.

A partir do trabalho com as Práticas Corporais foi possível conceber uma percepção mais tangível de elementos que condicionam ou dificultam a participação e possibilitam, por exemplo, a superação de questões como o processo de culpabilização mútua, muito comum nas escolas, em que equipe escolar culpa os/as responsáveis pela pouca participação e vice-versa.

A compreensão desses aspectos, suscitados a partir das vivências com as Práticas Corporais na escola, permitem com que saíamos de um lugar comum e adentremos em uma via de análise e reflexão sobre a realidade na qual estamos inseridos.

O esquema da página seguinte traz os elementos percebidos durante a pesquisa como fatores que influenciaram na participação da comunidade.

INFRA
ESTRUTURA

A escola oferece
uma estrutura
adequada e
segura para que
a comunidade a
frequente ?

Não deu pra ficar até o final. Estava muito cheio e não tinha lugar pra sentar. Não posso ficar muito em pé por causa da coluna. Acho que é importante, mas a escola não tem estrutura ou precisa organizar melhor. Na próxima eu só vou se tiver mais organização. (Responsável)

ORGANIZAÇÃO
DA ROTINA
ESCOLAR

A escola consulta a
comunidade sobre
horários e
disponibilidade,
adequando suas ações
quando possível ?

Gostei muito. E achei muito importante porque o professor mandou mensagem perguntando qual era o melhor horário pra ir. Normalmente não tem isso. A escola marca e tenho que me virar se não consigo ir. (Responsável)

QUESTÕES
RELIGIOSAS

A escola debate
com a comunidade
questões ligadas ao
seu aspecto laico e
à sua atividade
pública ?

Poderia ter mais coisas relacionadas com a religião. Poderia ser uma coreografia. Tem um grupo na minha igreja e nunca vi isso na escola. (Estudante)

QUESTÕES DE
GÊNERO

A tematização das
Práticas Corporais
trazem o debate
das questões de
gênero ?

Adorei muito. Foi ótimo aprender capoeira porque sempre quis aprender e não posso ir. Minha mãe não deixa porque tem muito mais homem do que mulher lá fazendo. (Responsável)

CONDIÇÕES DE
TRABALHO

As condições de
trabalho na escola
são favoráveis à
participação de seus
membros ?

A rotina do professor, bastante exaustiva talvez justifique a ausência aqui na escola, em uma tarde de sábado. Além de de tudo que envolve a figura do professor. Salários baixos, desvalorização, sem condições dignas de trabalho etc. É preciso pensar os dois lados. (Professor/a)

AS PRÁTICAS
CORPORAIS E OS
FATORES QUE
INFLUENCIAM NA
PARTICIPAÇÃO DA
COMUNIDADE

É necessário enxergar nas dificuldades uma oportunidade para a participação e não utilizá-las somente como uma desculpa para a inércia diante destes problemas. A insatisfação de pais, mães, responsáveis, estudantes e corpo técnico-pedagógico apresentadas acerca dos vários fatores apresentados, podem instrumentalizar a busca por melhorias e inflamar a tomada de consciência acerca do papel de cada um.

A gestão consciente dessas informações pode resultar, por exemplo, no fortalecimento do colegiado escolar, na criação de grêmios estudantis, associação de pais e mestres, na fomentação de lideranças e mecanismos importantes de participação e mobilização coletiva. Para tanto, é essencial que um olhar com vistas a uma escola democrática seja ampliado e colocado diante das questões e ações voltadas para a superação da realidade.

A participação está condicionada a diversos aspectos, isso é fato. Conhecê-los, analisá-los e colocá-los defronte a um processo de reflexão constante é uma condição importante para se estabelecer meios mais participativos na escola. Os indícios fornecidos pelo trabalho com as Práticas Corporais instrumentalizam de maneira bastante concreta a busca pela aproximação entre escola e comunidade.

O enfrentamento deste quadro, requer, indubitavelmente, uma intrínseca relação entre as ações pedagógicas que são realizadas na escola e a adoção de práticas ligadas a uma visão democrática e humanista de Educação.

Pensar a democratização das ações escolares e a participação coletiva é um grande desafio, porém, um caminho percorível, uma utopia possível. Aliás, alimentar essa utopia na escola pública e prover meios para possibilitá-la é uma necessidade, uma vez que, a educação escolar, quando atrelada a um Projeto Político Pedagógico, que visa contemplar as camadas populares, só o faz, nessa perspectiva, quando permite que os diversos atores e atrizes que a compõem, participem ativa e democraticamente de suas ações.

A participação é possível quando os métodos empreendidos permitem com que a comunidade participe ativamente e não só como ouvintes passivos ou receptores de informes burocráticos, Nesse sentido as Práticas Corporais, a partir de estratégias pedagógicas pautadas na coletividade, podem possibilitar que os sujeitos da comunidade se vejam como protagonistas do processo. Outro fator importante é a identificação causada pela abordagem das Práticas Corporais da comunidade nas aulas de Educação Física.

Ao perceberem que, os aspectos inerentes a eles/elas faziam parte do ensino ministrado na unidade escolar, os/as responsáveis sentiram-se, de acordo com a recorrência nos discursos proferidos, contemplados nas ações escolares. Tratar pedagogicamente tais práticas é uma possibilidade de promover a identificação entre escola e comunidade e de considerar a cultura praticada por este grupo como um conhecimento válido e importante.

É preciso ponderar que, a participação democrática faz parte de um processo e que, como tal, deve ser exercido diariamente pelos sujeitos da escola. A democracia é um exercício que é aprendido na prática. As pequenas ações, imbuídas de um fazer pedagógico norteado por ideias progressistas de ensino, tornam-se grandes ao comporem um processo de enfrentamento de um sistema que muitas vezes age por vias autoritárias, unilaterais e arbitrárias.

Somos cientes de que, os resultados deste trabalho, as ações realizadas, as estratégias empreendidas e todo o contexto de significação gerado por ele não foi a concretização efetiva do aspecto democrático, porém, acreditamos que as possibilidades e apontamentos feitos, podem contribuir para que outros professores, professoras, gestores, gestoras e demais membros da comunidade escolar intervenham em suas realidades, reflitam sobre suas práticas pedagógicas, vislumbrem a instituição escolar como um *lócus* de pesquisa, acreditem na construção de uma comunidade ética e na viabilidade da utopia de uma escola democrática e participativa.

#FICAADICA

Conheça mais sobre
nossa pesquisa!

[Clique aqui para
acessar o texto
completo!](#)

REFERÊNCIAS

ALTMANN, H; SOUSA. E. S. **Meninos e meninas**: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar. Cadernos Cedes, ano XIX, nº 48, Agosto/99 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v19n48/v1948a04.pdf> Acesso em: 15 de março de 2020.

BAUMAN, Z. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BRACHT, V. **A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física**. Cadernos Cedes, ano XIX, nº 48, Agosto/99. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ccedes/v19n48/v1948a05.pdf> Acesso em: 20/04/2020.

CANDAU, V. M. F. **Sociedade, cotidiano escolar e cultura(s)**: uma aproximação. Educação & Sociedade, Campinas, SP, v.23, n.79, p.125-161, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10852.pdf> Acesso em: 27 de março de 2020.

CODO, W. **Educação**: Carinho e Trabalho. Petrópolis: Vozes, 2000.

DARIDO, S.C; RUFINO, L.G.B. **O ensino das lutas nas aulas de Educação Física**: análise da prática pedagógica à luz de especialistas. Rev. Educ. Fís/UEM, v. 26, n. 4, p. 505-518, 4. trim. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/refuem/v26n4/1983-3083-refuem-26-04-00505.pdf> Acesso em: 10/05/2020.

DAYRELL, J. T.; CARRANO, p. C. R. **Juventude e Ensino Médio**: quem é este aluno que chega à escola? *In*: DAYRELL, J. T; CARRANO, p. C. R; MAIA, C. L. (Orgs). Juventude e Ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 101 – 133. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2015/01/livro-completo-juventude-e-ensino-medio-2014.pdf> Acesso em 26 de fev. De 2019.

DAYRELL, J (org.). **Por uma pedagogia das juventudes**: experiências educativas do Observatório da Juventude da UFMG - Belo Horizonte: Mazza Edições, 2016. Disponível em: <https://observatoriodajuventude.ufmg.br/publication/view/livro-por-uma-pedagogia-das-juventudes/> Acesso em: 27 de março de 2020.

MELO, Alessandro de. **Relações entre escola e comunidade**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

NEIRA, M. G. **Valorização das identidades**: a cultura corporal popular como conteúdo do currículo da Educação Física Motriz, Rio Claro, v.13 n.3 p.174-180, jul./set. 2007.
http://www.gpef.fe.usp.br/teses/marcos_05.PDF

PARO, Vitor Henrique. **Gestão democrática da escola pública**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2016.

SILVA, A. M. **Entre o corpo e as práticas corporais**. Arquivos em movimento. Vol. 10, nº 1. FAPERJ, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/view/9228/pdf_30
Acesso em: 25 de março de 2020.

SHWARTZMAN, S. **Educação Básica no Brasil**: a agenda da modernidade. Estud. av. vol. 5 n 13 São Paulo. 1991. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v5n13/v5n13a03.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2018.

SOCZEK, D. **Comunidade, utopia e realidade**: uma reflexão a partir do pensamento de Zygmunt Bauman Rev. Sociol. Polít., Curitiba, 23, p. 175-177, nov. 2004. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/rsp/article/download/3705/2955> Acesso em: 03/04/2020.

WELLER, V. **Jovens no Ensino Médio**: projetos de vida e perspectivas de futuro. In. DAYRELL, Juarez, CARRANO, Paulo. MAIA, Carla Linhares. (Org.) Juventudes e Ensino Médio: Sujeitos e Currículos em diálogo. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2014.